

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 1 (2018)
ISSN: 2177-2886

Resenha

'Geografias feministas de diferentes latitudes. Orígenes, desenvolvimento e temas contemporâneos, de María Verónica Ibarra-García e Irma Escamilla-Herrera

'Geografías feministas de diversas latitudes. Orígenes, desarrollo y temáticas contemporáneas', de María Verónica Ibarra-García y Irma Escamilla-Herrera

'Feminist geographies of different latitudes. Origins, development and contemporary themes', by María Verónica Ibarra-García and Irma Escamilla-Herrera

Heder Leandro Rocha

Centro de Investigaciones Geográficas,
CIG/IGEHCS/UNCPBA - Argentina
emaildoheder@gmail.com

Como citar:

ROCHA, Heder Leandro. Resenha: 'Geografias feministas de diversas latitudes. Orígenes, desarrollo y temáticas contemporáneas', de María Verónica Ibarra-García y Irma Escamilla-Herrera. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 215-219, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

'Geografías feministas de diversas latitudes. Orígenes, desarrollo y temáticas contemporáneas', de María Verónica Ibarra-García y Irma Escamilla-Herrera

O livro resenhado é uma construção coletiva organizada por María Verónica Ibarra García e Irma Escamilla-Herrera que nos oferece caminhos para compreender e repensar o conhecimento geográfico a partir das várias perspectivas propostas pelas Geografias Feministas. Nesse sentido é que privilegiando o enfoque de gênero, o feminismo, as diferenças territoriais e as condições socioeconômicas, o livro apresenta as experiências das próprias autoras e de vários coletivos que aceitaram participar da publicação, possibilitando conhecer 'Geografias feministas de diversas latitudes'.

Começando por Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia; passando por Argentina, Brasil, Espanha, França, Suíça, Áustria, Alemanha e Itália; o livro termina no México, lugar de onde falam as autoras. Essa também é a organização geral da obra que, dividida em oito capítulos, se apresenta como resultado do projeto de investigação intitulado 'La participación política de las mujeres en el Legislativo Federal 1953-2013', desenvolvido na 'Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)'. Assim, a presente obra nos leva a compreender e ampliar o papel das Geografias feministas na interpretação de diversas realidades ao redor do mundo.

A obra se inicia com uma apresentação onde se marca o caminho percorrido até a publicação da obra, suas principais contribuições, temáticas e objetivo de contribuir para as novas gerações de especialistas em Geografia, chamando a atenção para as origens e desenvolvimento das Geografias feministas ao redor do mundo, mas também – e principalmente – visibilizando geógrafas de diversas latitudes.

O primeiro capítulo é escrito por Lise Nelson e apresenta uma leitura crítica sobre a Geografia feminista anglo-saxã no sentido de 'criar uma Geografia feminista mais autêntica, inclusiva e global'. Com essas palavras a autora situa sua crítica em relação à geopolítica da produção do conhecimento, onde à própria etiqueta 'anglo-saxã', se refere à produção científica de língua inglesa centrada nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e Singapura, deixando de lado outros países de língua inglesa. A autora divide o capítulo em três partes; sendo que na primeira realiza uma breve história da Geografia anglo-saxã, dando ênfase no Canadá, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia, a partir dos anos de 1970. A segunda parte expõe uma série de tensionamentos enfrentados pelas geógrafas feministas desses países na década de 1990, provocados, sobretudo por mudanças epistemológicas geradas no seio do próprio feminismo ou como parte do giro pós-positivista da Geografia e a partir do surgimento do conceito de interseccionalidade. Por fim, na terceira parte do capítulo a autora apresenta uma leitura sobre os debates realizados na última década, dando ênfase na relação entre a Geografia Feminista e três frentes temáticas: os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), a Ética do Cuidado e a Geopolítica.

Diana Lan apresenta no segundo capítulo o texto intitulado de 'Los estudios de género en la geografía argentina', no qual constrói um panorama sobre produção do conhecimento geográfico argentino nos últimos trinta anos e a posição ocupada pelas produções que utilizaram teorias feministas em suas análises. O capítulo está organizado em duas partes; onde que na primeira, a autora relaciona as implicações do movimento social feminista na Argentina e

na América Latina com o desenvolvimento da própria Geografia feminista como um campo do saber científico. Já na segunda parte, Lan apresenta uma revisão da perspectiva de gênero na Geografia argentina, enfocando nas linhas de investigação desenvolvidas no país. Por fim, a autora chama a atenção para a complexidade da relação entre gênero, espaço e lugar, convocando as Geografias feministas a participar da luta política no sentido de visibilizar a construção de espacialidades injustas, para só assim poder superá-las.

O terceiro capítulo versa sobre a Geografia feminista do Brasil e é escrito por Susana Maria Veleda da Silva. Em 'Geografias feministas brasileiras: un punto de vista', a autora apresenta uma reflexão teórica metodológica sobre a produção das Geografias feministas no Brasil a partir de dois eventos científicos nacionais, duas edições do Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) e outro temático feminista que é o Seminário Internacional Fazendo Gênero. O texto de Silva está organizado em uma introdução e duas partes; na introdução a autora reconstrói a história de criação dos eventos analisados e registra a importância das lutas políticas dos movimentos sociais feministas após o fim da última ditadura civil-militar brasileira, para a incorporação da discussão sobre gênero e sua institucionalização, no fim dos anos de 1980. Na primeira parte do texto Silva apresenta uma série de debates no campo da Geografia feminista mundial, latino-americana e, por fim, quem compõe o cenário brasileiro. Já na segunda parte é onde analisa a produção científica dos grupos de trabalhos sobre gênero nos eventos citados. Silva realiza uma importante reflexão sobre os caminhos percorridos e principais dificuldades enfrentadas pelas Geografias Feministas no Brasil. Ao concluir, de um lado, a autora demonstra satisfação pela produção de conhecimento posicionado e situado na luta pelo fim das opressões e explorações de seres humanos, já por outro lado, também expõe sua incomodidade e convoca geógrafas e geógrafos a serem mais rigorosos em suas produções acadêmicas e a buscar o diálogo além do próprio campo disciplinar.

'Nuevas tendencias en la Geografía de género en España: una revisión de investigaciones publicadas en el último decênio' é o título do quarto capítulo escrito por Anna Ortíz e Maria Dolors Garcia Ramon. Realizando uma criteriosa revisão bibliográfica de 53 artigos de Geografia e gênero publicados nas principais revistas de Geografia espanholas entre 2005 e 2014, as autoras evidenciam os novos caminhos pelos quais a Geografia de gênero avança na Espanha. Utilizam também alguns livros, artigos publicados em outras revistas espanholas de ciências sociais e alguns artigos publicados em revistas internacionais. As categorias temáticas utilizadas pelas autoras para revisão dos artigos, por ordem de quantidade, foram: teoria e metodologia, espaços urbanos, espaços rurais, trabalho e migração, corpo e sexualidade, academia, meio ambiente e demografia. Ortíz e Garcia Ramon destacam a maior participação feminina na autoria das investigações e a duplicação dos eixos temáticos ocorrida desde 2004, mas também sinalizam que as perspectivas sociais e culturais na Geografia espanhola têm sido bastante limitadas quando comparadas com a Geografia anglo-saxã, francesa ou brasileira. Tal posição marginal ocorre em relação à centralidade exercida por temas como ordenamento territorial e SIG nas universidades desse país. Por fim, as autoras

registram a ausência de estudos sobre masculinidades, mas ressaltam como novidade no cenário espanhol temas como as Geografias da infância e da juventude, as Geografias do corpo e das emoções, a Geografia da sexualidade e das identidades.

Em seguida Claire Hancock e Amandine Chapui escrevem 'Geografia de género, Geografía feminista en Francia: ¿una geografía paradójica?', o quinto capítulo da obra. No texto as autoras denunciam e examinam as grandes resistências encontradas em relação ao desenvolvimento da perspectiva de gênero na Geografia francesa, sendo encontradas até mesmo entre aqueles que se consideram mais progressistas. Tais resistências giram em torno do privilegio da leitura da realidade em termos de classe, sendo essa a única categoria pertinente, em detrimento de outras formas de dominação, consideradas como meras distrações. Mas também no sentido de desqualificar as metodologias utilizadas e a própria construção de conhecimento posicionado, situado e comprometido, comum às Geografias Feministas, acusando-os de carência de rigor científico. O texto está organizado em quatro partes, sendo que nas três primeiras as autoras apontam os avanços e as resistências enfrentadas pela Geografia com enfoque de gênero, ou ainda por aquelas que reivindicam o nome de Geografias feministas, já a última parte apresenta um relato situado das experiências acadêmicas e pessoais das autoras.

'¿Otras geografías son posibles?! Geografías Feministas en Suiza, Austria y Alemania' é escrito por Carolin Schurr e apresenta as Geografias Feministas desenvolvidas e em desenvolvimento dos países de fala alemã. A autora frisa no sentido de pluralidade dessas Geografias que devido à diversidade e multiplicidade de enfoques teóricos e metodológicos utilizados, cursam diferentes trajetórias de desenvolvimento em cada país, região e universidade. São dois os principais objetivos propostos por Schurr que, de um lado evidencia que existem outras Geografias Feministas além daquelas anglo-saxãs e, por outro lado, debate a influência dessas Geografias Feministas para o desenvolvimento das Geografias Feministas na Alemanha, Áustria e Suíça. O texto está organizado em quatro partes, sendo que na primeira é realizado um debate sobre o desenvolvimento institucional das Geografias Feministas de fala alemã, na segunda e terceira parte a autora analisa as publicações desse campo do saber geográfico nos países analisados e por fim, a quarta parte - utilizando o conceito de interseccionalidade - apresenta uma reflexão sobre como as Geografias Feministas de fala alemã incorporaram em seus estudos as teorias feministas desenvolvidas em outros contextos nacionais.

No sétimo capítulo Rachele Borghi, Monica Camuffo e Cesare Di Felicianantonio se perguntam se a Geografia de gênero na Itália é uma 'missão impossível'. Tal questionamento se origina a partir de dois eixos de reflexão: a escassa produção de uma Geografia crítica italiana e a influência do Vaticano na laicidade da Itália. As autoras e o autor se posicionam teoricamente nos estudos da sexualidade e no *queer*, apontando duas hipóteses para a parca produção crítica da Geografia italiana: a resistência da Geografia italiana ao próprio feminismo e os enfoques de gênero e sexualidade, de um lado e, por outro o sistema universitário italiano que por ser masculinizado promove a invisibilidade de tais temáticas. Por fim, as autoras e autor do capítulo

'Geografias feministas de diversas latitudes. Orígenes, desarrollo y temáticas contemporáneas', de María Verónica Ibarra-García y Irma Escamilla-Herrera

registram que apesar da escassa afirmação dentro da academia italiana, existem novas perspectivas no âmbito das Geografias Feministas que estão sendo desenvolvidas, e deixam uma provocação final: '¿Puede la geografía de género y, en particular, la geografía de la sexualidad queerizar las prácticas políticas?'. Tal provocação surge no sentido de trazer para o centro do debate a experimentação de formas de conhecimento 'mistas' que superem a separação de 'academia/ativismo' e 'sujeito/objeto' nas investigações.

Finalmente o último capítulo do livro apresenta o recente crescimento das Geografias Feministas no México. O texto intitulado como 'La geografía feminista, de género y de la sexualidad en México, un saber en crecimiento' é escrito pelas organizadoras da obra, María Verónica Ibarra García e Irma Escamilla-Herrera que recuperam os primeiros passos da Geografia de gênero na UNAM. A partir de uma revisão de dissertações de mestrado e teses de doutorado de Geografia defendidas nessa universidade, as autoras identificaram que a temática de gênero, mulheres e espaço surge a partir do final da década de 1990. Época que coincide com a criação da primeira disciplina de Geografia de gênero naquela universidade. Desde então, as autoras apontam que se observa um crescimento sustentável das Geografias Feministas no México, destacando a ampla gama de temáticas estudadas: trabalho, violência contra as mulheres, participação política, turismo e migração, cidades e mais recentemente, corpo e as temáticas *queer*.

O livro organizado por María Verónica Ibarra García e Irma Escamilla-Herrera é uma mostra da diversidade existente nas Geografias Feministas desenvolvidas em várias partes do mundo durante, pelo menos, as últimas quatro décadas. A obra apresenta diferentes tradições geográficas, as especificidades de inclusão das temáticas de gênero e sexualidades no pensamento geográfico de cada país analisado, as resistências encontradas, mas também os elementos comuns e a centralidade exercida pela Geografia anglo-saxã no mundo todo. Essa obra, portanto, faz um convite aos leitores e leitoras no sentido de não só conhecer a produção acadêmica das Geografias Feministas realizadas em 'diversas latitudes', mas também e, principalmente, a assumir uma posição de enfrentamento frente as injustiças, tal qual fizeram e fazem as geógrafas e geógrafos que assinam o livro.

Referências

IBARRA GARCÍA, María Verónica; ESCAMILLA-HERRERA, Irma (Org.). **Geografias feministas de diversas latitudes: Orígenes, desarrollo y temática contemporáneas**. México: UNAM - Instituto de Geografía. 2016.

Recebido em 26 de Fevereiro de 2018.

Aceito em 05 de Agosto de 2018.

Heder Leandro Rocha

